



ESCOLA DE
HUMANIDADES

EDUCAÇÃO POR ESCRITO

Educação por escrito, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 1-12, jan.-dez. 2025
e-ISSN: 2179-8435

<http://dx.doi.org/10.15448/2179-8435.2025.1.45319>

ARTIGOS

Limites éticos da pesquisa em contextos de privação de liberdade

Ethical limits of research in contexts of deprivation of liberty

Ana Clara de Oliveira
Peixoto¹

orcid.org/0000-0001-6971-7307
anaclaraoliveira.peixoto@gmail.com

Socorro Calháu²

orcid.org/0000-0002-9652-2916
socalhau@gmail.com

Recebido em: 17 fev. 2024.

Aprovado em: 27 out. 2025.

Publicado em: 16 dez. 2025.

Resumo: Este artigo parte da questão levantada no título para refletir sobre as relações entre pesquisadores e interlocutores, a partir de relatos de experiências das autoras, pesquisadoras e integrantes do projeto Escrevivendo a Liberdade. O texto busca trazer olhares de outros pesquisadores como interlocutores nessa reflexão. Os trabalhos relatados aqui foram, e alguns ainda estão, sendo realizados na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esse estudo se dá por meio da interlocução com autores que tratam da questão da privação da liberdade, escrita de si e da ética, como Conceição Evaristo, Antonio Candido, Michel Thiollent e David Tripp; com outros que pensam a educação e o cárcere de um lugar em que são bem-vindas as teses abolicionistas; e, ainda, com alguns pesquisadores do campo da Educação, em que se discute a escola e a universidade de um lugar progressista e inclusivo, com Paulo Freire e bell hooks. Trazem-se, para reflexão, autores da atualidade importantes na discussão do antirracismo e das questões do preconceito, que permeiam o tecido social. São pautas que contribuem com a causa do desencarceramento, na direção de uma proposta de pensar a prática docente e de pesquisa pela consolidação dos Direitos Humanos.

Palavras-chave: Educação; Cárcere; Pesquisa; Universidade.

Abstract: This article starts from the question to reflect on the relationships between researchers and interlocutors, based on reports of experiences from the authors, researchers and members of the Escrevivendo a Liberdade project. The text also seeks to bring perspectives from other researchers, as interlocutors in this reflection. The work reported here was, and some is still being, carried out at UERJ, UFRJ and UFRGS. This study takes place through dialogue with authors who deal with the issue of deprivation of freedom, self-writing and ethics, such as Conceição Evaristo, Antonio Candido, Michel Thiollent, and David Tripp; others who think of education and prison as a place where abolitionist theses are welcome; and also some researchers in the field of Education, where school and university are discussed, from a progressive and inclusive place, such as Paulo Freire and bell hooks. Current authors, important in the discussion of anti-racism and issues of prejudice, which permeate the social fabric, are brought to reflection. Agendas that contribute to the cause of extrication, towards a proposal to think about teaching and research practice for the consolidation of Human Rights.

Keywords: Education; Prison; Research; University.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho objetiva refletir sobre os limites éticos da pesquisa acadêmica, no interior dos trabalhos realizados no âmbito da restrição e da privação de liberdade, na socioeducação e no sistema prisional.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, Brasil.

² Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Optou-se por trazer a experiência das autoras nessa área, em diferentes práticas de pesquisa, instituições e interlocutores. Sabe-se que a ética é tema constante no interior de trabalhos com Direitos Humanos, na restrição e privação de liberdade, tanto nos *fronts* em que se realizam essas ações quanto nos meios acadêmicos nos quais são refletidas e sistematizadas. Embora nem sempre sejam tratadas dessa forma, pelo senso comum, a pesquisa é uma área plural, em que a diversidade deve ser respeitada. Witiuk *et al.* (2018, p. 43) chamam a atenção para o fato de que "não há uma área do saber mais 'científica' que outra. Os estudos são distintos por diversos fatores, dentre estes, a natureza da pesquisa, o objeto e, conseqüentemente, a metodologia a ser adotada". No que se refere às Ciências Humanas e Sociais, a pesquisa, além de produzir ciência, precisa produzir também benefícios atuais ou potenciais para o ser humano, a comunidade na qual ele está inserido e para a sociedade como um todo, possibilitando a promoção de qualidade de vida, respeito aos direitos civis, sociais e culturais, além de garantia de um meio ambiente ecologicamente equilibrado e sustentável.

Não é segredo o quanto essa questão da ética é polêmica. Para realizar essa reflexão, não se deve esquecer, no caso da pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, em pleno século 21, que o mundo inteiro se depara com o avanço da extrema-direita e o enfraquecimento da Democracia. Esses fenômenos obrigam as instituições que produzem ciência a traçar uma linha transversal, de natureza interseccional. Dito de outra forma, os estudos e pesquisas precisam trazer, no seu corpo teórico, um forte viés antirracista, com prerrogativas que não permitam a expressão da LGBTQIA+fobia nem da misoginia; enfim, a ausência da ética está diretamente ligada às questões do preconceito e do desprezo a uma determinada camada da população.

No caso da pesquisa na socioeducação e no sistema prisional, sabe-se, de longa data, que

os interlocutores são os jovens pretos e pobres, que lotam as instituições em uma quantidade assustadora. Assim, o pesquisador ou a pesquisadora precisam estar bastante atentos à forma como vão tratar esses interlocutores, estejam eles sendo observados ou atuando enquanto parceiros no trabalho que está sendo realizado. A esse público deve ser assegurado o respeito, a confiança e a segurança, para que haja fidedignidade dos dados e das informações coletadas, entre outros cuidados e posturas a serem adotados. Esse artigo foi produzido no âmbito do projeto Escrevivendo a Liberdade, que se faz presente no interior da socioeducação, realizando oficinas de formação de leitores e escritores com adolescentes, em unidades masculina e feminina. O Escrevivendo a Liberdade atua nas unidades de internação do Departamento Geral de Ações Socioeducativas (DEGASE), no município do Rio de Janeiro, mais especificamente na unidade feminina Professor Antonio Carlos Gomes da Costa (PACGC) e na unidade de internação provisória masculina, no Centro de Socioeducação Gelso de Carvalho Amaral (CENSE-GCA).

O projeto Escrevivendo a Liberdade nasceu em abril de 2019 por idealização da professora, escritora e pesquisadora, Vanusa Maria de Melo, que durante muito tempo lecionou em escolas, no interior de unidades prisionais, com internos privados de liberdade, em cumprimento de pena. Vanusa Maria de Melo milita na luta em prol do desencarceramento e, assim como as demais educadoras/pesquisadoras/escrevintes³ do projeto, acredita na literatura como viés emancipatório. O nome Escrevivendo a Liberdade é inspirado no termo "escrevivência", cunhado pela escritora Conceição Evaristo, que diz que *escreviver* é uma forma de resistir e mostrar que, com um lápis e um papel, qualquer pessoa pode ser protagonista de sua história. O indivíduo deve escrever sobre sua vida, suas vivências, entendendo que a sua narrativa é importante. A escrevivência evoca o sentimento de que o sujeito não só

³ Escrevinte é como cada pesquisadora, pesquisador, educadora ou educador que compõe a equipe de trabalho do projeto Escrevivendo a Liberdade, se intitula, por se tratar de expressão cunhada por Conceição Evaristo, ao designar um tipo de escrita de si, de resistência e de sobrevivência.

pode, como deve ter a autoria de sua trajetória. Em entrevista para o Itaú Social, no ano de 2020, Conceição Evaristo, ao falar sobre esse conceito, respondeu: "diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia" (Santana; Zapparoli, 2020). É, também, de Evaristo (2016 *apud* Duarte; Nunes, 2020, p. 51) o fragmento que segue e que oferece o sentido do termo escrevivência: "a nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos".

Para que seja possível entender o que o projeto defende como pesquisa em ambientes de privação de liberdade, é importante apresentar as principais ideias nas quais o Escrevivendo a Liberdade se baseia, enquanto trabalho de militância e luta por garantia dos direitos dos jovens e das jovens em situação de socioeducação, principalmente no Direito à Literatura⁴. Entender por que e em que suas educadoras/pesquisadoras/escrevintes — em sua maioria, mulheres — acreditam.

No âmbito desse projeto, trata-se de compreender a discussão do ato da leitura por um viés libertário, emancipatório. Contudo, é importante que se enfatize que acreditar na potência literária não é aplicar a ela uma perspectiva salvacionista. E, no campo da literatura, é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível. O Escrevivendo a Liberdade defende uma escrita política, que denuncia, extravasa e busca libertar o indivíduo de sentimentos e opressões internas e externas; escrita essa que também pretende ser poética, literária, bonita, livre. O projeto começou suas atividades com oficinas de literatura com as adolescentes da unidade feminina Professor Antonio Carlos Gomes da Costa. Em 2021, essas oficinas começaram a ser realizadas na unidade de internação provisória masculina, no Centro de

Socioeducação Gelso de Carvalho Amaral. Além de atuar com os adolescentes em 2020, o grupo passou a se fazer presente em Belford Roxo, na Baixada Fluminense, aliado ao projeto Casa Mãe Mulher. A Casa Mãe Mulher é uma organização não governamental (ONG) criada por Sandra dos Santos, servidora do DEGASE Cai-Baixada, em Belford Roxo. Pensada para ser um espaço de acolhimento para as visitas dos adolescentes da unidade de internação de Belford Roxo, na casa, as pessoas (maioria mulheres) que vão visitar os adolescentes têm espaço para repousar, beber água, comer e esperar. A Casa Mãe Mulher surge como uma tentativa de humanizar um momento delicado para essas mulheres que, na maioria das vezes, são socialmente culpabilizadas pelo ato infracional do filho adolescente. Com o intuito de trazer essas mães, irmãs, tias e avós para o foco de suas narrativas, o Escrevivendo a Liberdade fechou parceria com esse espaço de acolhimento e, atualmente, são realizadas oficinas literárias com as(os) responsáveis por esses adolescentes. A ideia é estender a concepção de escrevivência a essas atividades, entendendo que essas pessoas possuem histórias incríveis que são invisibilizadas, mas que precisam e devem ser contadas.

O Escrevivendo a Liberdade compreende a literatura como uma forma de invadir pelas brechas um sistema que é opressor e que, constantemente, traz à tona uma identidade marginal e repleta de estereótipos em relação ao indivíduo privado de liberdade, nesse caso, os adolescentes em situação de socioeducação. Em 2009, a nigeriana autora e professora, Chimamanda Adichie, realizou uma conferência na Plataforma TED, que mais tarde se tornou um livro chamado "O perigo de uma história única". Nesse livro, Chimamanda fala sobre como estereótipos são responsáveis por limitar uma visão de mundo e como esse olhar é criado por meio de uma perspectiva hegemônica. A autora, então, traz o termo *igbo*

⁴ Trabalha-se no interior dessa prática com a ideia de Literatura como Direito Humano trazida por Antonio Candido (2002, p. 174-175), que reflete sobre esse assunto, dizendo: "Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possa viver sem ela. Isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado".

"*nkali*" para reflexão em relação a essa questão. Diz Adichie (2019, p. 22-23):

É impossível falar sobre uma única história sem falar sobre poder. Há uma palavra, uma palavra da tribo Igbo, que eu lembro sempre que penso sobre as estruturas de poder do mundo, e a palavra é *nkali*. É um substantivo, que livremente se traduz: "ser maior do que o outro." Como nossos mundos econômicos e políticos, histórias também são definidas pelo princípio do *nkali*. Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de uma outra pessoa, mas de fazer a história definitiva daquela pessoa.

Desse modo, no âmbito do *Escrevivendo a Liberdade*, acredita-se no poder da leitura e da escrita como forma de reivindicar as narrativas que são usurpadas dessas pessoas. A história precisa ser contada por indivíduos e grupos sociais que são cotidianamente atacados e reduzidos a uma identidade estigmatizada. Paulo Freire traz o conceito de "palavra geradora" para a construção da aprendizagem da escrita em suas obras sobre o sistema de educação criado para os círculos de cultura. Apropriando-se desse conceito, as oficinas realizadas também partem de um texto gerador. Uma escrita que provoque conversa é escolhida e vai tensionar o debate. A partir dele, cria-se literatura. Diversos textos e autores são levados para os encontros, realizados no interior das unidades. Contudo, a preferência na escolha dos textos oferecidos é por autoria negra, periférica e, no caso das jovens, feminista; e que vá ao encontro dos interlocutores das oficinas. Outro ponto-chave é a presença do livro nas oficinas. É importante levar o livro físico e uma foto da autora ou do autor que será lido. A introdução sobre a vida do autor é fundamental para que os adolescentes percebam que não são apenas pessoas brancas e privilegiadas que têm a possibilidade de ser escritoras, a fim de que se sintam representados e representadas nessas escritas. Tem sido oferecidos aos adolescentes autores tais quais Conceição Evaristo, Carolina Maria de Jesus, Geovane Martins e Samuel Lourenço Filho.

Autoras e autores que falam de uma realidade que é tangível para aqueles jovens. Pessoas nas quais os adolescentes não enxergam apenas diferenças, mas possibilidades e aproximações. Nos encontros, também são utilizados textos de autoras como Clarice Lispector e outros nomes conhecidos da literatura hegemônica. No interior deste trabalho, privilegia-se a bibliodiversidade, no sentido que nos ensinou Ranganathan⁵: a cada livro, o seu leitor, e a cada leitor, o seu livro. Porém, o gesto de levar os autores "não tão consagrados" para pensar com os adolescentes se dá pelo entendimento da importância de conferir visibilidade a essas escritas nas práticas do projeto.

As oficinas são realizadas por duplas de dinamizadores. Antes da pandemia, era possível que mais educadoras estivessem presentes, mas, por conta das medidas sanitárias de precaução, criou-se um esquema semanal de dinamização, composto por duas pessoas apenas. A dinâmica de dupla é positiva porque oferece maiores possibilidades de orientação nos momentos das atividades. O dinamismo nas aulas e o apoio de outra pessoa na condução das dinâmicas são muito interessantes no sentido de permitir a ampliação da proposta. A coordenação do *Escrevivendo a Liberdade* preza por uma organização coletiva, democrática e negociada, em que todos possam colaborar de alguma forma. Entretanto, para que isso aconteça, existe um elemento fundamental: reuniões internas, semanais, às vezes, mais de uma, para que todas as questões estejam na pauta sendo discutidas. Os encontros são importantes para o debate de questões relativas ao planejamento do trabalho, de ocorrências da socioeducação, de literatura, de pesquisa e de alguma outra pauta que surja. É imprescindível que a equipe leia, debata e estude; seja leitor e leitora, ame a literatura. A *escrevivência* não deve ser voltada apenas para os adolescentes. O coletivo precisa continuar se formando enquanto leitores e escritores. Para participar do *Escrevivendo a Liberdade*, não é necessário possuir títulos acadêmicos ou ter uma

⁵ Ramamrita Ranganathan (1892-1972), pai da Biblioteconomia, cunhou cinco leis para reger o uso das bibliotecas.

vasta experiência nos assuntos abordados. Freire (2002, p. 155) escreveu que “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Para o *Escrevivendo a Liberdade*, não é prioridade deter todo o conhecimento, mas possuir uma vontade genuína de querer aprender e almejar construir o trabalho coletivamente. A diversidade de histórias, formações e visões de mundo que permeiam a equipe faz com que o projeto se fortaleça em muitas frentes. Além das reuniões gerais, a dinamização ocorre por meio de núcleos internos. Os núcleos são pensados para atuação nas diversas áreas do projeto. Todos podem colaborar nos grupos, contudo, esse registro e toda a sistematização são fundamentais para o fortalecimento das ações do coletivo.

A respeito de parcerias fundamentais, é interessante abordar o vínculo que o *Escrevivendo a Liberdade*, a partir de 2020, passou a ter com a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) por meio do projeto de extensão “Do Cárcere à Universidade”, que trabalha com o direito à educação superior dos internos do sistema prisional que são aprovados em concurso de seleção para ingresso à universidade (vestibulares) e no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). A parceria com a UERJ abre novos caminhos e cria pontes extremamente significativas para a construção de ações mais efetivas e legitimadas, trilhando uma organização coletiva que é significativamente de natureza política. É importante que as instituições de ensino superior (IES) estejam cada vez mais em contato com as questões presentes em nossa sociedade. Enquanto parceiro do projeto *Do Cárcere à Universidade*, da UERJ, o projeto *Escrevivendo a Liberdade* possui uma vocação voltada a interações, trocas, ações conjuntas e fortalecimento mútuo. Uma parceria que cria a possibilidade de mobilização e movimentação de outras estruturas, um processo de retroalimentação: universidade ensinando e aprendendo com os coletivos que se criam a partir de discussões que estão, teoricamente, presentes no espaço da academia. Em seu livro *Ensinando a transgredir*,

bell hooks fala da forte influência que Martin Luther King teve sobre sua vida. hooks (2013) relembra o discurso em cima do versículo II do capítulo XII do livro de Romanos: “Não vos conformeis com este Mundo, mas transformai-vos pela renovação de vossa mente”, um apelo para as pessoas que estão inseridas nos ambientes acadêmicos para que comecem a se movimentar em prol de uma sociedade mais justa. hooks (2013, p. 50) nos alerta dizendo que:

Todos nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais - e a sociedade - de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria diante da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade.

Em contato com esse pensamento de hooks (2013), pode-se refletir acerca de algumas questões fundamentais que precisam estar conectadas com a prática. O imaginário de que a pesquisa acadêmica e a militância caminham em sentidos opostos é um ponto a se pensar. Na equipe de trabalho do *Escrevivendo a Liberdade*, estão presentes pessoas que se debruçam em pesquisar a socioeducação e a educação no âmbito da privação de liberdade como um todo, além de participarem de experiências práticas nessa área. A participação desses membros ou a iniciativa de pesquisar a temática serve como incentivo à reflexão desses movimentos e fluxos cientificamente. Contudo, a maneira como cada pesquisa é pensada ocorre de forma diferente, de acordo com o autor, a instituição a que ele pertence e a motivação de origem.

A experiência vivida no âmbito do *Escrevivendo a Liberdade* por parte de seus/suas escrevintes/pesquisadores/educadores também objetiva gerar dissertações e teses de mestrado e doutorado em variadas IES. Em relação ao trabalho de pesquisa, o *Escrevivendo a Liberdade* acredita em uma pesquisa de afetação, de ação. Poder-se-ia chamar o trabalho realizado no *Escrevivendo a Liberdade*, no âmbito da pesquisa, como sendo de pesquisa-ação ou, como prefere-se identificar, pesquisa de afetação. Ela afeta os interlocutores e é afetada e afetado por eles,

bem a gosto da Educação Popular, modalidade em que se inscreve o trabalho; vias de mão dupla. Esse processo não torna a investigação menos comprometida com a realidade, pelo contrário, realiza-se um trabalho mais responsável e sincero acerca das limitações, fronteiras e domínios no processo de realização de uma pesquisa que se pretende, essencialmente, de ação. Deslauriers e Kerisit (2014) chamam a atenção para o fato de que a pesquisa científica recusa se deixar levar pelo senso comum e também nega reduzir-se a uma ficção teórica, que aniquilaria o vivido desses atores. Segundo os autores, "a construção teórica pode, contudo, ser de fato do indivíduo-pesquisador, ou levar à contribuição os sujeitos da pesquisa, como é o caso da pesquisa-ação" (Deslauriers; Kerisit, 2014, p. 131). Em outras palavras, um dos objetos privilegiados da pesquisa qualitativa é, portanto, o sentido que adquirem a ação da sociedade na vida e os comportamentos dos indivíduos, assim como o sentido da ação individual quando se traduz em ação coletiva (Deslauriers; Kerisit, 2014). Thiollent (2011, p. 14) define pesquisa-ação como:

[...] um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação tem sido classificada como sinônimo da pesquisa participante, embora não seja. Apesar disso, há semelhanças entre as duas metodologias. Toma-se de Gil (2012) o elencar das semelhanças: a) são modelos alternativos de pesquisa que vêm sendo propostos com o objetivo de obter resultados socialmente mais relevantes; b) caracterizam-se pelo envolvimento do pesquisador e pesquisado; c) o relacionamento entre pesquisador e pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos acabam identificando-se, sobretudo quando os objetivos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a ideia de objeto que caberia apenas em ciências naturais.

Outra característica fundamental em relação

ao *Escrevivendo a Liberdade* diz respeito à sensação de pertencimento ao grupo de trabalho compartilhado pela equipe, uma forma de condução que surpreende e encanta. O afeto não é direcionado apenas para os adolescentes com os quais se trabalha, mas para a equipe como um todo. Na obra *"Tudo sobre o amor: novas perspectivas"*, bell hooks argumenta sobre como o amor é pouco refletido dentro dos espaços de discussão acadêmica. A autora defende que é preciso entender o amor e aplicá-lo em práticas cotidianas. hooks (2000) aborda um amor que é pensado politicamente em uma perspectiva de transformação social. Essa conceituação, trazida pela autora, auxilia na reflexão do lugar em que o *Escrevivendo a Liberdade* se constitui na vida de seus e suas escrevíveis, por possuir essa capacidade de incentivar, de uma maneira amorosa, quem dele participa. A equipe é estimulada a pensar nas atividades e promover os debates em reuniões do coletivo, espaço que se caracteriza como sendo de formação/autoformação, de concepção, de planejamento, de partilha, de muita poesia e literatura, ou seja, de muita fabulação, como nos disse Candido (2019) certa vez.

2 SOBRE AS PRÁTICAS NO DEGASE, DINAMIZADAS PELO ESCRIVENDO A LIBERDADE

Detalhar as ideias e práticas em que o *Escrevivendo a Liberdade* pauta suas ações é importante para que se possa entender, de modo mais profundo, como o projeto se posiciona frente aos limites éticos da pesquisa, nesses ambientes de socioeducação, em privação de liberdade. O presente trabalho oferece o relato de duas oficinas realizadas com adolescentes no interior de uma unidade de socioeducação. Com esses dois episódios, o leitor deste trabalho poderá observar como a questão ética aparece sutilmente nos encontros com os adolescentes e como reflete acerca desse lugar de militantes e pesquisadoras nesses espaços. Os encontros das segundas de manhã, em uma das unidades de socioeducação, estavam sendo pensados por meio da perspectiva dos sentidos, do sensorial.

Foram elaborados ciclos temáticos em que textos que instigassem os demais sentidos, como olfato e paladar, eram trazidos. O objetivo das duas oficinas narradas aqui era pensar em memórias e reflexões trazidas pelo paladar.

A primeira experiência em oficina, sobre a qual este artigo propõe uma reflexão, utilizou *A descoberta da azeitona*, texto de Eneida Costa de Moraes (2013) do livro *Antologia de crônicas*, organizado por Herberto Sales. Nessa crônica, Moraes escreve sobre um gato, chamado José, que descobre e se apaixona pelo sabor da azeitona. A intenção da oficina também era a de falar sobre a crônica e os elementos desse gênero textual. Foram levadas algumas azeitonas para o primeiro momento da aula, uma espécie de "quebra-gelo". Na sala, a maioria presente eram rostos conhecidos de encontros anteriores. Dois jovens novos apareceram nesse dia e perguntaram se era obrigatório ler o texto e escrever algo.

Nos primeiros encontros do Escrevivendo a Liberdade com os adolescentes, é realizada uma introdução sobre o projeto. Nessa apresentação, é mencionado para os adolescentes o que é o Escrevivendo a Liberdade, como ele funciona e como é pensada a atuação naquele espaço. Além disso, alguns acordos são feitos entre as educadoras/pesquisadoras/escreviventes e os adolescentes. Nada é obrigatório nas oficinas. É completamente possível entender a indisposição de um adolescente em realizar as atividades propostas no dia. Contudo, entende-se que toda relação deve ter respeito mútuo. Compreender o estado emocional de um adolescente ou de todos eles não é prerrogativa para que atitudes desrespeitosas com as educadoras ou com os demais colegas do grupo sejam aceitas.

Os dois adolescentes que, de início, pediram para não participar, aos poucos, com as dinâmicas, foram se articulando com o grupo. Observou-se que os pontos em comum entre eles faziam com que criassem mais interações. A reflexão sobre a crônica e sobre a azeitona remeteu a uvas passas, *stroganoff*, comida da avó e festas de final de ano. Foi proposto que eles escrevessem uma crônica, real ou fictícia, sobre

como seria um almoço ideal para eles. Quem seria convidado, qual comida seria feita e o que de surpreendente aconteceria nesse almoço. Todos os adolescentes começaram a escrever e, à medida que dúvidas com as palavras iam surgindo, uma educadora buscava ajudar. Nessa turma, um dos adolescentes mais falantes, que detinha uma espécie de liderança frente aos outros, estava impedindo que alguns colegas escrevessem. Nos encontros, todo material usado para a escrita é disponibilizado pelo projeto. Há um costume de disponibilizar canetas e lápis coloridos. Esse adolescente em questão estava se recusando a emprestar os lápis, provocando os colegas com apelidos e sendo desrespeitoso com as educadoras. Em um determinado momento do encontro, um outro adolescente não gostou das provocações e apelidos do colega e um mal-estar estava sendo gerado. Uma das escreviventes da dupla de educadoras retomou os acordos e disse que nenhuma atividade ali era obrigatória, mas que todos deveriam ter o direito de participar e, se ele não estivesse interessado, deveria ficar quieto. O menino ficou surpreso com a "bronca" e, depois de alguns momentos em silêncio, pediu para que uma das educadoras o ajudasse com a escrita.

Educação Popular é um termo que tem sido utilizado fortemente nos dias atuais. O uso dessa expressão precisa ser melhor investigado para que não ocorra perda do sentido. Ser um educador popular não é apenas trabalhar com o povo, ou com as classes populares. Se fosse assim, qualquer projeto que acontece em âmbito social seria Educação Popular. É importante salientar essa questão, porque um imaginário que é construído em relação ao educador popular é de que, por trabalhar com as massas e com as camadas da sociedade que são marginalizadas, esse indivíduo precisa se colocar em um lugar de passividade e aceitar as mazelas daquele grupo. Esse discurso é falacioso. A perspectiva de amor que deve estar presente nas práticas dos educadores populares é a de que ensinar a partir de uma pedagogia de afetos é também colocar para o educando as suas limitações. Em

Ensinando a transgredir, hooks (2013) afirma que "professores que esperam que os alunos compartilhem narrativas confessionais, mas que não estão, eles mesmos, abertos para compartilhar, estão usando seu poder de uma maneira que pode ser coercitiva" (hooks, 2013, p. 21). Então, a autoanulação não faz parte de uma educação libertadora, mas reforça o lugar socialmente construído de que aqueles adolescentes não são capazes de entender e mudar suas práticas a partir do que é colocado para eles. Freire (1996, p. 26) diz: "Nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador igualmente sujeito do processo", ou seja, não existe um sujeito completo e totalmente acabado. Nos processos educacionais, ligados a uma perspectiva libertadora e emancipadora, todos aprendem e todos ensinam.

A segunda experiência a ser relatada diz respeito ao *Além das grades*, um livro com pequenos contos do autor Samuel Lourenço Filho. Uma dessas histórias se chama *O pão que o diabo esqueceu de amassar*. Lourenço Filho é egresso do sistema prisional e, nesse livro, ele traz algumas memórias dos seus tempos no cárcere. Esse livro é escrito com uma linguagem informal, com várias gírias e códigos que são utilizados em ambientes de privação de liberdade. Nesse conto, o autor narra sobre como os presos se juntavam para fazer pudim de pão dentro do presídio. O autor descreve como ele e seus colegas de cela guardavam os pães que recebiam no presídio e "rateavam" alguns ingredientes que ganhavam em dia de visita para fazerem o doce. Como forno, eles usavam o alumínio da quentinha e assavam o pudim. O autor mostra como esse era um dos pequenos momentos de alegria em um lugar tão cruel e desumano.

Essa foi uma das oficinas em que os adolescentes mais falaram e participaram. Eles se encontraram muito na forma de escrever do autor e sempre nos perguntavam se era possível escrever

assim, se era certo. Conversou-se muito sobre isso. O que eles mais queriam falar era sobre a *pizza* que eles faziam dentro dos alojamentos. Contaram o passo a passo do processo. Havia um adolescente novo nessa oficina. Enquanto os adolescentes explicavam o método de preparo da *pizza*, esse jovem cochichou algo no ouvido de um dos garotos. Esse ouvinte da pergunta do amigo logo disse o que ele tinha falado. O "novato" havia perguntado se não era perigoso dizer para as educadoras/pesquisadoras/escreviventes coisas que eles faziam no alojamento. Ele tinha receio de que algo fosse dito à diretoria da unidade. Os garotos, antes mesmo que as educadoras se pronunciassem, foram em defesa delas e disseram que elas não eram funcionárias do DEGASE e que não havia "caô"⁶, poderiam confiar.

Esse é um elemento-chave da construção coletiva pelo Escrevivendo a Liberdade com os adolescentes. É um dos pontos que permite, por sua vez, que a pesquisa seja mais profunda e mais fiel à realidade. Nesse sentido, vale lembrar que a pesquisa-ação possui um diferencial bastante evidente, se for comparado à prática da pesquisa científica tradicional, principalmente porque, ao mesmo tempo, altera o que está sendo pesquisado e é limitada pelo contexto e pela ética da prática. Observa-se, nessa prática, características tanto da prática pretendida, nesse caso, a pesquisa-ação, quanto da pesquisa científica (Tripp, 2005). Muitos adolescentes no DEGASE acreditam que o que eles fazem em encontros com pessoas de fora pode ajudar ou atrapalhar no processo deles lá dentro. Chegar a um nível de intimidade em que eles mostram que há uma relação de confiança é muito interessante para a realidade dos fatos. Nos encontros, é reiterado diversas vezes que a produção escrita deles não é disponibilizada para ninguém de dentro ou fora do DEGASE se eles não quiserem. Para a equipe do Escrevivendo a Liberdade, as questões éticas são extremamente relevantes e se constituem como parte crucial do trabalho. Nesse sentido,

⁶ Termo usado nos ambientes de jovens infratores para designar que algo está fora da normalidade.

como nos alertam Fiorentini e Lorenzato (2009), às questões éticas referem-se não só às relações de boa convivência, respeito aos direitos do outro e ao bem-estar de todos, como também à construção de um ambiente de confiança, à análise das informações, às sínteses conclusivas e à divulgação de resultados, pois todos os aspectos têm implicações sociais.

Por mais que uma produção textual dos adolescentes ajude com a composição do trabalho de pesquisa das educadoras/pesquisadoras/escrevintes, o desejo do adolescente de não ter o seu trabalho exposto deve ser respeitado. Nessa mesma oficina, os adolescentes lembraram das comidas que suas avós e mães faziam e de que eles gostavam. Um dos adolescentes estava quieto e, quando perguntado sobre comidas favoritas, ele disse que não queria falar sobre a sua família. Os garotos insistiram e ele continuava se recusando. Uma das educadoras interveio e disse que ele não precisava falar se não se sentisse à vontade. No decorrer da atividade, o jovem, por espontânea vontade, começou a falar sobre suas comidas favoritas e da saudade que tinha da mãe; a compartilhar memórias afetivas saborosas. Em uma pesquisa, o interlocutor não deve sentir-se acuado a participar. Para imergir nas histórias dos adolescentes, é importante respeitar o processo deles e a escolha de poder ou não falar e de falar quando se sentir pronto para isso. Nessa experiência relatada, observa-se a escrevivência na acepção trazida por Evaristo, ou seja, "diante das histórias que incomodam, a escrevivência quer justamente provocar essa fala, provocar essa escrita e provocar essa denúncia. E, no campo da literatura, é essa provocação que vai ser feita da maneira mais poética possível" (Santana; Zapparoli, 2020). É Candido (1989, p. 126) que vai nos dizer que: "A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque, pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza".

Assim, o trabalho de formar leitores e escritores torna-se a tarefa principal do Escrevivendo a

Liberdade. Sobre esse assunto, vale a pena ouvir Hernández (2011 *apud* Castrillón, 2011, p. 90-91):

Um leitor é alguém que se apropria da linguagem dos outros para expressar as próprias intenções e para se converter em autor e ator do seu lugar no mundo [...]. Aprender a escrever significa apropriar-se das palavras e das ideias de outros para encontrar voz própria e fazer-se escutar em conversações sociais que só ocorrem fora do espaço íntimo do indivíduo e da sua família. Converter-se em falante e escritor de uma língua não significa somente ler textos alheios, ou ler por gosto, ou ler bons livros, mas sim, antes de tudo, ter algo que dizer e entrar no espaço público das conversações mediadas por escrito.

Dessa forma, entendendo que essa prática vai instrumentar esses jovens e essas jovens, assim como toda a equipe que dinamiza as oficinas, a pesquisa se forma nessas trocas afetivas, na construção de uma sociedade em que a inclusão seja uma realidade e os presídios uma remota lembrança de um passado distante.

3 SOBRE AS PRÁTICAS NO INTERIOR DO PROJETO DE PESQUISA E EXTENSÃO: DO CÂRCERE À UNIVERSIDADE

O projeto de pesquisa e extensão "Do Cárcere à Universidade", da Faculdade de Educação da UERJ, surge em 2011 a partir da constatação de que alguns dos universitários apenados que conseguiram concluir a Educação Básica, na maior parte das vezes, dentro do sistema carcerário, não estavam conseguindo se manter na universidade e, dessa forma, desistiam do curso em que estavam matriculados. Era preciso avançar, não bastava o acesso, precisava haver permanência e sucesso. A UERJ é uma das primeiras universidades, no Brasil, a oferecer vestibular dentro da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Rio de Janeiro (SEAP-RJ), o que mostra sua imensa face inclusiva e extensionista. O projeto de pesquisa e extensão "Do Cárcere à Universidade" surge para que a UERJ se mobilize por esses universitários internos, apoiando-os e se (co)responsabilizando, não só pelo acesso, mas pela permanência e sucesso desses estudantes nos diversos cursos de graduação dessa instituição, uma vez que os internos que ingressavam

não conseguiam permanecer por muito tempo, tampouco se formavam.

Ao longo do primeiro ano de existência, o "Do Cárcere à Universidade" também passou a ser acionado pelos internos que passavam nos vestibulares para outras universidades e, dessa forma, ampliou-se a sua atuação. Hoje, o projeto apoia internos que estudam na UERJ, Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Universidade Veiga de Almeida (UVA), Universidade Estácio de Sá (UNESA), Universidade do Grande Rio (UNIGRANRIO), Centro Universitário Carioca (UNICARIOCA), Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM), Cesgranrio e Candido Mendes.

Há muitas conquistas ao longo desses dez anos de existência do trabalho, mas também se enfrentam dificuldades significativas. A chegada tardia à universidade, ocasionada pela demora no trâmite judicial, pelo qual o processo de autorização para estudos extramuros passa, dificulta a integração inicial com a turma e com os professores e professoras. Levando em conta que a grade curricular com o horário das aulas só fica disponível uma semana antes de o semestre iniciar, muitos são os transtornos ocasionados, dentre eles o mais severo, que é a falta de integração inicial com a turma e com os professores. Esse processo gera dificuldade de participação do interno universitário nas redes de sociabilidade e nos trâmites acadêmicos. O não acesso às tecnologias de informação e comunicação (TICs) também é um fator que dificulta a vida desse universitário. Em tempos de pandemia, esses sujeitos encontram-se temporariamente em regime de prisão domiciliar, fato que abrandava bastante todas essas dificuldades.

Sendo um projeto de pesquisa e extensão, o "Do Cárcere à Universidade" também enfrenta as questões éticas que se encontram no campo. Uma dessas questões é a inversão que acontece em relação a esse interno universitário, que tem sido tratado historicamente como um "objeto de pesquisa" e não deveria, pois trata-se de um interlocutor importante no decorrer do proces-

so. Uma vez na universidade, ele se torna um sujeito pesquisador, passa a ocupar um lugar prestigiado, de poder e de construção do conhecimento acadêmico. Trata-se de um processo muito interessante, a princípio assustador, para aquele que vem de um lugar desprestigiado, de pouca ou nenhuma autonomia. No âmbito do "Do Cárcere à Universidade", esse novo pesquisador tem sido autor de pesquisas, que geram artigos, algumas vezes em coautoria com a coordenação do projeto, ou com outros professores da universidade, e mesmo como autor solo de sua produção teórica, em diversos níveis. Além disso, esse interno universitário também tem produzido monografias e trabalhos de conclusão de curso (TCCs) de vários formatos acadêmicos.

O contato não só com os textos acadêmicos, mas também com a literatura, é visível aos olhos de todos e confirma o que nos diz Andruetto (2017, p. 26): "um livro pode nos abrir a porta para grandes obras, e as portas que se abrem trazem consequências". Essa metáfora representa muito bem o que se tem observado em relação a esses internos universitários. Alguns tornam-se escritores de crônicas ou poesias, e isso já diz muito sobre como a leitura tem um papel preponderante na construção da história desses escritores. É um processo muito interessante ver esses sujeitos se descobrirem autores e escrevintes de múltiplas escritas. Mendes Jr. (2015), egresso do sistema prisional que foi o primeiro interno no Brasil a se tornar universitário e a conseguir autorização para estudos extramuros, revelou o seu processo de escrita nessa interação do escrever com o sobreviver. Diz ele:

Quando inicio a escrever, as palavras ficam muitas e eu aqui só um para escolher. Aquelas de que realmente careço, resistem como um braço de força. Então dou uma de louco e tento seduzi-las com pensamentos doces; elas ainda não me deixam enlaçá-las, mesmo que tontas de carícias. E fogem assustadas com medo de que eu as possua na marra. Sentem-se ameaçadas, mas sou teimoso e insisto. Tento em vão mais uma vez persuadir; acabo desistindo sempre e, é então, que começo a escrever (Mendes Junior, 2015, p. X37).

Lourenço Filho (2020, p. 22), que foi interno

universitário, aluno da UERJ e da UFRJ, no *Do Cárcere à Universidade*, escreveu, além do seu TCC, dois livros, um de crônicas e outro de poesia, em que declara: "Dos afetos que nos movem, a coordenadora do 'Do cárcere à universidade' me apresentou 'Memórias Inventadas – a infância' de Manoel de Barros. Ali, lendo sobre os achadouros da infância, percebi que minha personalidade poética estava sendo forjada".

Enfim, é inegável o papel da ética nos processos de pesquisa, principalmente em se tratando de pessoas que se encontram privadas de liberdade ou que sejam egressos do sistema prisional. Como nos lembram Fiorentini e Lorenzato (2009, p. 196):

O foco da reflexão ética incide sobre o respeito à dignidade humana, o respeito mútuo, sobre a solidariedade, o diálogo (para superar desavenças ou conflitos), a justiça social e, sobretudo, sobre as consequências das ações humanas. A reflexão ética, portanto, estabelece interrogações e análises sobre a prática e a ação humana, ressaltando a intencionalidade presente nos empreendimentos humanos, valorizando-se fortemente o processo como a deliberação se opera, apelando-se a uma atitude de real e consciente ponderação.

Assim, de toda a reflexão que se pretendeu trazer neste trabalho, fica a importância do papel das universidades no trato com esse sujeito privado de liberdade ou da socioeducação. Observou-se como é importante que se leve em conta todas as prerrogativas que, de forma geral, cumprem-se em outros ambientes. Que os mestrands, doutorandos e demais pesquisadores que lançam mão da pesquisa em ambientes de privação de liberdade sejam capazes de compreender e assumir a sua responsabilidade de olhar para esse sujeito como um alguém que possui direitos como os outros, e, principalmente, que tomem conhecimento dos resultados desses trabalhos, que opinem, que autorizem sua publicação.

Em relação aos adolescentes, pensar em experiências como essas, obtidas nas oficinas do *Escrevivendo a Liberdade*, faz com que a humanização dos sujeitos seja colocada acima de questões que são tidas como mais fundamentais, quando não são. A pesquisa científica deve ser

voltada para a promoção de uma sociedade com mais equidade. Entretanto, a transformação social não deve ser apenas o resultado do trabalho, mas deve ser parte do processo. Refletir sobre como será a construção com o interlocutor, a maneira como lidar com os agentes de uma observação acadêmica, é unir a teoria à prática e caminhar em prol da ação modificadora da realidade.

É pertinente salientar algo que esteve presente em toda a escrita, aqui descrita: onde o amor e o respeito são plantados, coisas boas não de florescer. Seja entre as educadoras/pesquisadoras/escrevintes e os adolescentes e as adolescentes que estão no DEGASE, seja no fortalecimento interno da equipe de trabalho. O ambiente acadêmico, por vezes, parece ser envolto por um caminho de isolamento e solidão e, conseqüentemente, a pesquisa é visualizada por um viés de distanciamento e racionalidade. Contudo, mediante projetos como o *Escrevivendo a Liberdade*, o *Do Cárcere à Universidade* e outros movimentos sociais, que se levantam, realizam pesquisa acadêmica e permanecem na luta por uma perspectiva de trabalho que não deixa de fora os afetos, pode-se perceber novas formas de realização do fazer pesquisa.

E não há como não pensar em Freire (2002, p. 98), na sua clássica obra, *Pedagogia do Oprimido*, quando afirma que:

Teoricamente, é lícito esperar que os indivíduos passem a comportar-se em face de sua realidade objetiva da mesma forma do que resulta que deixe de ser ela um beco sem saída para ser o que em verdade é: um desafio ao qual os homens têm que responder.

Segue-se em busca de uma universidade amorosa, inclusiva e comprometida com as causas sociais, com a educação dos jovens da periferia, com as teses abolicionistas, com a ética e com a construção de um mundo infinitamente melhor.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE. Chimamanda Ngozi. O perigo da história única. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- ANDRUETTO, Maria Teresa. A leitura, outra revolução. Rio de Janeiro: Edições SESC, 2017.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: FESTER, Antonio Carlos de Rezende (org.). Direitos humanos E... São Paulo: Brasiliense; CJP, 1989. p. 121-135.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2019.

CANDIDO, Antonio. O direito à leitura. In: CANDIDO, Antonio. Textos de intervenção. São Paulo: Duas Cidades, 2002. p. 169-191.

CASTRILLÓN, Silvia. O direito de ler e de escrever. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

DUARTE, Lima; NUNES, Isabella Rosado (org.) Escrivência: a escrita de nós – Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020

FIORENTINI, Dario; LORENZATO, Sergio. Investigação em Educação Matemática: percursos teóricos e metodológicos. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2009.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

HOOKS, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LOURENÇO FILHO, Samuel. Gangrena: o sistema prisional em poesia. Rio de Janeiro: Birrumba, 2020.

MENDES JUNIOR, Luiz Alberto. Confissões de um homem Livre. São Paulo: Companhia das Letras, 2025.

MORAIS, Eneida. A descoberta da azeitona. In: SALES, Herberto (org.). Antologia de crônicas. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013. p. 22-53.

SANTANA, Tayrine; ZAPPAROLI, Alecsandra. Dez perguntas para Conceição Evaristo: a escrivência serve também para as pessoas pensarem. Itaú Social, 9 nov. 2020. Disponível em: www.itausocial.org.br. Acesso em: 20 maio 2021.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 2011.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>. Acesso em: 29 nov. 2025.

WITIUK, Ilda Lopes; FRANÇA, Beatriz; KRÜGER, Cauê; GUEBERT, Mirian Celia. Ética em pesquisa envolvendo seres humanos. Paraná: PUCPRESS, 2018.

Ana Clara de Oliveira Peixoto

Doutoranda em Educação pela UFRGS e Mestra em Educação pela UFRJ, com experiência em estudos de gênero, raça, classe, juventudes e privação de liberdade. Graduada em Produção Cultural pela UFF. Desenvolve pesquisas e ações de extensão voltadas à justiça social, letramento e direitos humanos no coletivo Escrevivendo a Liberdade. Sua trajetória articula cultura, educação e práticas decoloniais com jovens em contexto de internação socioeducativa.

Socorro Calhau

Graduada em Letras pela Universidade Sul Fluminense de Paraíba do Sul. Mestre em Educação pela PUC-Rio. Doutora em Educação pela UERJ. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da UERJ. Departamento de Estudos Aplicados ao Ensino. Área: Linguística Aplicada à Alfabetização e ao Letramento & Pedagogias e Letramentos no âmbito da restrição e da privação de liberdade. Coordenadora do Projeto de Pesquisa e Extensão "Do cárcere à universidade".

Endereço para correspondência

Ana Clara de Oliveira Peixoto

Rua Riachuelo, 400, apto 509

Centro Histórico, 90010-272

Porto Alegre, RS, Brasil

Socorro Calhau

Rua do Matoso, 195, bloco B, apto 908

Tijuca, 20270-134

Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.